



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 17 | Nº. 33 | Jul./Dez. de 2025

**Davi Barbosa de Jesus**

*Universidade Federal do Espírito Santo / UFES*  
davibarbosajesuss@gmail.com

**Hiasmim da Silva do Espírito Santo**

*Universidade Federal do Espírito Santo / UFES*  
hiasmim.hist@gmail.com

**Débora Cristina de Araújo**

*Universidade Federal do Espírito Santo / UFES*  
deboraaraujo.ufes@gmail.com

## ALÉM DO COMETA: A supremacia branca pensada através do desastre

---

### RESUMO

Este trabalho explora a narrativa distópica do conto *O Cometa* (1920), de W.E.B. Du Bois, para discutir as dinâmicas da branquitude e da supremacia branca. A partir de uma metáfora apocalíptica, Du Bois retrata a relação entre dois sobreviventes — Jim, um homem negro, e Julia, uma mulher branca — evidenciando como as estruturas de poder racial se mantêm e se reorganizam, mesmo em cenários de colapso social. A análise articula a obra às teorias críticas sobre a identidade racial branca, dialogando com as discussões de Bento (2002, 2022) sobre os pactos narcísicos, as reflexões de Fanon (2020) sobre a desumanização colonial e os estudos de Cardoso (2010) acerca das categorias de branquitude crítica e acrítica. Assim, este estudo contribui para evidenciar a complexidade das hierarquias raciais e o modo como os privilégios da branquitude são reconfigurados para se perpetuar, mesmo em contextos de complexos.

**Palavras-chave:** Branquitude; W.E.B Du Bois; *O Cometa*.

# BEYOND THE COMET: White supremacy thought through disaster

---

## ABSTRACT

This paper explores the dystopian narrative of the short story *The Comet* (1920), by W.E.B. Du Bois, to discuss the dynamics of whiteness and white supremacy. Through an apocalyptic metaphor, Du Bois portrays the relationship between two survivors — Jim, a Black man, and Julia, a white woman — highlighting how racial power structures persist and reorganize even in scenarios of social collapse. The analysis connects the work to critical theories on white racial identity, engaging with Bento's (2002, 2022) discussions on narcissistic pacts, Fanon's (2020) reflections on colonial dehumanization, and Cardoso's (2010) studies on critical and uncritical whiteness. Thus, this study contributes to highlighting the complexity of racial hierarchies and the ways in which white privileges are reconfigured to perpetuate themselves, even in complex social contexts.

**Keywords:** Whiteness; W.E.B. Du Bois; *The Comet*.

## Introdução

O processo da escrita é, por vezes, um relato do indivíduo sobre o seu exterior. Quando admitimos isso, somos tentados/as a observar com mais gentileza, e até destacar, os nuances de alguns textos, como é o caso do conto *O cometa*, de 1920. A obra foi escrita por um dos mais brilhantes intelectuais da comunidade negra estadunidense, William Edward Burghardt, melhor conhecido como W. E. B. Du Bois, um dos primeiros homens negros formado em direito pela Universidade Harvard. Com grandes críticas à má administração governamental, ele entendia que o modelo de sociedade da época era um planejamento que interligava as questões de raça com as de classe, um sistema que mantinha pessoas brancas no poder, enquanto que as negras eram marginalizadas social e economicamente, sem direitos fundamentais, como o do voto. Nesse sentido, em seus trabalhos, Du Bois adentra para além das camadas superficiais observadas na época, rompendo com a naturalização de posições subalternizadas ocupadas por corpos negros. Se era comum explicar tal cenário por meio de uma suposta predisposição biológica para crimes, baixa moral e intelectualidade (FANON, 2020), o sociólogo abriu espaço para abordar essas nuances através da análise de restrições no acesso dessa população à educação, renda e condições básicas de infraestrutura (DU BOIS, 2023).

Em um ambiente inóspito para sobrevivência da população negra, a supremacia branca, construída e imposta, manteve as condições necessárias para a prática dos mais perversos crimes. Linchamentos públicos serviram de manutenção social para quem ousassem desrespeitar a posição hierárquica branca. Mas não apenas, esse período evidenciou o sadismo de grupos que se colocavam no "topo evolutivo" racial. Para o "outro" (a pessoa negra), destituído de sua humanidade, restava lutar contra a crueldade e covardia, que era legitimada pelo pacto de condutas aceitas. Por esse motivo, escrever sob Du Bois não é tão simples, visto que acionar seus estudos é revisitar um dos períodos mais perversos vivenciados pela sociedade estadunidense: a "era dos linchamentos".

Entre 1877 e 1950, 4,4 mil pessoas foram linchadas no país, segundo registros da Iniciativa por uma Justiça Igualitária (EJI, na sigla em inglês), uma organização não governamental. A grande maioria delas eram pessoas negras. É o que os historiadores chamam de "era dos linchamentos". Não era uma forma de fazer justiça pelas próprias

mãos. Tratava-se, na verdade, de crimes raciais (BERMÚDEZ, 2018, s/p).

A ideia de perseguição psicológica, física e até mesmo educacional contra pessoas negras estava enraizada culturalmente na nação estadunidense, um contexto que por si só torna a atuação de contraposição de W.E.B Du Bois notável. Com articulações políticas que seguiram toda sua vida, o estudioso não se desvinculou de suas propostas para a comunidade negra, destacando-se pela promoção do desenvolvimento intelectual e pela ampliação da presença de pessoas negras em instâncias de poder e reconhecimento social. Para além da sua realidade geográfica, Du Bois compreendia também que o sistema capitalista organizado e estruturado por uma lógica de poder que fomentava a supremacia branca, com privilégios exclusivos à branquitude, não era exclusividade dos cidadãos de seu país. Com a ampliação de suas análises para a vivência negra ao redor do mundo, movimentos para a criação do Pan-africanismo foram iniciados. Em 1919, Du Bois organizou o Primeiro Congresso Pan-Africano, em Paris, na França, e esteve como um dos principais articuladores das outras edições.

Ao escrever a obra *O cometa*, W.E.B Du Bois expressa sua análise acerca do funcionamento do racismo nos Estados Unidos, relacionando sua obra a episódios históricos de extrema violência racial, como o Massacre de Tulsa e o Motim de Chicago. O primeiro, ocorrido em junho de 1921, marca um evento genocida promovido por supremacistas brancos contra a população negra da cidade que estava se destacando pela ascensão econômica. Já o segundo, iniciado em julho de 1919, foi uma série de reações da comunidade negra cansada das recorrentes violências físicas mantidas pelo sistema racista. O desencadeamento das ações ocorreu após a morte do jovem Eugene Williams, de 17 anos, assassinado ao entrar em uma praia destinada exclusivamente a pessoas brancas.

Percebe-se, então, que a escrita do autor parte de um lugar sensível de quem estava vivenciando, ouvindo e vendo diversas causas e demandas da população negra daquele país, e que o atravessavam diretamente como homem negro. Inserido na região sul dos Estados Unidos, região essa marcada pelas formas de racismo mais violentas, Du Bois presenciou um cenário que foi palco das atrocidades provindas das leis apelidadas, em seu conjunto, como "Jim

Crow" (século XIX-XX), sendo elas responsáveis pela institucionalização da segregação racial. Essa realidade foi refletida nas obras do autor, destacadas pelas denúncias de perseguição ao povo negro. Na vida pessoal de Du Bois, ataques racistas foram recorrentes, visto que ele atuava na Organização Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP) e na redação da revista *The Crises*, que dirigiu por mais de duas décadas.

Com base nesse contexto, *O Cometa* retrata um futuro distópico, palco de um cataclisma cósmico que dizimou a vida na cidade de Nova York, deixando apenas dois sobreviventes: Jim, um homem negro e proletário, e Julia, uma mulher branca de classe alta. A narrativa de Du Bois intercala a jornada do personagem em um mundo pós tragédia, com *flashbacks* de sua vida antes do desastre, marcada pelo racismo. O encontro com a jovem abastada imprime um evento importante no conto. É a partir da relação estabelecida entre os dois que o autor evidencia, com mais intensidade, os complexos modos de operação da branquitude, que resiste mesmo após o apocalipse. Assim, a crítica que acompanha o conto demonstra os contrastes entre brancos/as e negros/as, ricos/as e pobres, provocando o público leitor a questionar: a humanidade é um direito de todas as pessoas? Quem já nasceu humano? Como garantir um padrão de humanização equivalente em sociedade?

Tomando como base os diálogos tecidos, o desenvolvimento das personagens e as ações tomadas, localizamos a perspectiva do autor acerca dos brutais mecanismos do racismo que vigoraram no final do século XIX e início do XX. Ações que desumanizaram pessoas negras, tornando-as objetos, mão de obra responsável por manter a roda capitalista girando. Frantz Fanon (2020) acrescenta que esta dinâmica era psicologicamente nociva para pessoas negras:

[...] a verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há um complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo:

- econômico, em primeiro lugar;
- e, em seguida, por interiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade (FANON, 2020, p. 25).

Esse autor chama atenção para a posição de mercadoria atribuída à população negra, uma construção social inicialmente forjada culturalmente por brancos, com vista a atender seus interesses econômicos e perpetuar a estrutura

de exploração/privilégios. Investidas racistas que, pela constância e incisividade, aprofundaram traumas, ao ponto de as vítimas introjetarem em seus imaginários absurdos inventados para a dominação, assumindo como verdade toda a incoerente lógica eugenista disfarçada de ciência. A desumanização de corpos racializados ultrapassaram os crimes físicos, atingindo os valores simbólicos, como a cultura dos dominados, que foram obrigados a negar suas subjetividades para agir conforme condutas culturais outras. Ainda segundo Fanon:

Todo povo colonizado - isto é, todo povo cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local - se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana. O colonizado tanto mais se evadirá da própria selva quanto mais adotar os valores culturais da metrópole (FANON, 2020, p. 40).

Nesse sentido, pode-se projetar sobre Jim a noção de colonizado proposta por Fanon (2020) no trecho acima, na medida que, de sangue africano, ele se manteve como um deslocado na sociedade estadunidense, afastado de sua nacionalidade sob o título de afro-americano. Assim, a perspectiva da narrativa parte daquele que é subjugado cotidianamente para que a hegemonia branca se perpetue. Um corpo que foi violentado e esterilizado segundo os padrões racistas e que sobrevive a um cataclisma, despertando sua consciência para a existência de uma lógica de dominação racial, responsável por grande parte das mazelas sofridas por si. A história escancara a complexidade e a força da branquitude, na medida que caminha com Jim por momentos de consciência sobre a própria racialidade e do outro. Para o protagonista, reconhecer a causa de seus sofrimentos torna-se um processo doloroso, sobretudo porque elas se colocam como persistentes, imunes a suas investidas, um tom pessimista trazido para o conto por Du Bois (2021), mas que reflete a crueldade que permeava o cotidiano vivenciado por ele.

Dado o exposto, e considerando as potencialidades da obra *O Cometa*, este trabalho visa analisar sua narrativa, utilizando a figura de Jim e Julia para evidenciar os posicionamentos da branquitude frente ao outro racializado, uma forma de demonstrar como essa crítica, construída por Du Bois no início do século XX, já levantava o debate sobre o que definia humanidade e quem a detinha. Assim, em um diálogo direto com passagens do conto, nos apoiamos nos estudos críticos sobre a identidade racial branca para tecer considerações,

demonstrando como a literatura de Du Bois (2021) pode ser utilizada para questionar aspectos profundos do racismo contemporâneo.

## 2.0 A BRANQUITUDE COMO UM ACORDO

Pensar sobre a branquitude é abrir o campo da discussão para muito além da raça como conceito biológico. É considerar mecanismos complexos de perpetuação de hierarquias, violências e apagamentos, que são nutridos propositalmente a fim de um bem próprio. No olhar de Maria Aparecida Silva Bento (2002), um ponto que merece ênfase é o pacto narcísico, que atuaria diretamente na manutenção de vantagens sociais pela branquitude por meio do apoio mútuo entre brancos/as:

Sempre entendi como acordos tácitos, como pactos não verbalizados, não formalizados. Pactos feitos para manter em situação de privilégio, higienizados de usurpação que os constituiu. E que se estruturam nas relações de dominação que podem ser de classe, de gênero, de raça e etnia e de identidade de gênero, dentre outras (BENTO, 2022, p. 65).

Entende-se, assim, que a branquitude é o conjunto de normas sociais, econômicas e culturais que visam estabelecer a supremacia branca através da relação de inferioridade atribuída ao outro (Bento, 2002). Sujeitos não brancos seriam condicionados ao apagamento de sua humanidade, posicionados na base da hierarquia racial. Tal invisibilidade é fruto da vulnerabilidade ao qual o corpo negro é submetido na sociedade alicerçada sob as estruturas da colonização. Algo que se pode perceber logo no início do conto de Du Bois (2021), quando Jim, o personagem que representa o homem negro, é revelado apenas como mais um corpo na multidão: “[...] poucos o notavam. E, quando o faziam, era de um modo hostil. Ele estava fora do mundo, 'um nada!'” (DU BOIS, 2021, p.11), ou seja, ele não pertencia à branquitude: ele era o outro, o excluído.

Sendo representado majoritariamente por estereótipos e caricaturas, a epiderme melaninada se relacionaria a uma confusão de sentidos emocionais gerados por uma realidade construída para outros tipos de corpos, o que abalaria as condições psicológicas e sociais do indivíduo. O estigma de incapacidade intelectual projetada às pessoas negras lhes nega a possibilidade de ascensão social, reservando-as a subalternidade. O negro, então, é ratificado pelo discurso da branquitude como sinônimo de vazio, desprovido da beleza, da sabedoria e

da sagacidade, que pela síntese de tal discurso, seriam elementos da cultura branca.

Tendo em mente as consequências da colonização, não só para negros/as, mas também para o comportamento de brancos/as, Lia Vainer Schucman (2020, p. 60) conceitua a branquitude como sendo:

“[...] uma posição em que sujeitos que a ocupam foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade”.

Pode-se entender que essa preservação é gerada pela branquitude, com atitudes conscientes ou não, com vista a manter suas regalias sociais. Lourenço Cardoso (2010) classifica que as ações alinhadas a uma supremacia branca, geralmente propositais e extremistas, são fruto de uma branquitude acrítica, assumidamente racista. Já as pessoas brancas que se posicionam publicamente contra as violências raciais compõem a branquitude crítica, apesar disso não os eximir de seu racismo.

Levando em conta o período refletido no conto, em que a segregação racial era socialmente aceita, pode-se associar que a branquitude presente na narrativa se aproxime com a categoria acrítica proposta por Cardoso (2010). Sem leis ou convenções éticas e morais que contivessem a barbárie racista, era comum que discursos supremacistas, homicidas, fossem admitidos. Du Bois (2021) faz uso dessa conjuntura para expor em seu conto as faces mais cínicas e cruéis da branquitude acrítica, que sem precisar se restringir, determinava as possibilidades permitidas pela imaginação criminoso como limite de seus atos. De alguma maneira, a adoecida relação estabelecida com o diferente negro é utilizada como forma de autopromoção, uma fuga que projeta no exterior todos os males que se quer negar em si próprio (BENTO, 2022).

Quando pensamos nas dinâmicas raciais que envolvem a supremacia branca, inevitavelmente é preciso considerar como essa temática retoma a relação com o outro diferente. Por meio do dualismo entre “bem” e “mal”, “branco” e “negro”, “superior” e “inferior”, o pensamento racista se solidifica, elaborando contrapontos morais que forjam heróis brancos e vilões negros. Essa maneira de ver e estar no mundo condiciona a forma de se autoperceber e perceber o mundo pelas pessoas brancas, sempre postas no centro, servindo de



parâmetro de excelência estética, intelectual, moral e ética. Essa noção do pensamento reflete diretamente em ações racistas, hegemônicas e exploratórias, haja vista que estão alicerçadas em um vasto suporte científico racista e eugenista, que se fortaleceu na Europa dos séculos XV - XVII e infelizmente rompeu suas fronteiras, persistindo viva na branquitude diaspórica, como nas sociedades lideradas por ela, que reproduz tais comportamentos.

Dito isso, países colonizados receberam em suas terras não somente uma população estranha de pele alva, mas uma forma racista de encarar o diferente, infectando e corrompendo a cultura local. Fundamentada nessas heranças, a branquitude se forma e, a partir da relação estabelecida com o outro, se fortalece. Com métodos de ascendência dos seus no poder, pessoas brancas lá permanecem, por séculos, justificando seus lugares de privilégios pelo mito da meritocracia. Fixa-se, assim, uma gangorra que, em uma de suas pontas, pesa corpos negros, inferiorizados, desumanizados, ao passo que em troca há a elevação aos céus da branquitude, referência de progresso. Não é de espantar que brancos/as ocupem os melhores cargos, as vagas mais concorridas, as escolas e universidades de referência. O pacto entre eles/as não admite que um desigual assuma a liderança ou goze de algum conforto. A naturalização dessas posições pelo discurso racista cria cenas como a descrita por Cida Bento (2022, p. 9) em uma seleção empregatícia:

Não era preciso ter uma lupa para perceber que o perfil de candidatos considerados adequados para as posições mais elevadas na hierarquia das instituições ou cuja imagem representava a organização era sempre de pessoas brancas.

Ainda que a autora tenha desenvolvido seus estudos recentemente, suas críticas acerca da branquitude atual muito se aproximam de alguns dos comportamentos destacados por W.E.B Du Bois em suas pesquisas. O intelectual pode ser considerado pioneiro nos estudos da identidade racial branca, levantando importantes análises raciais e de classe em seu livro *Black Reconstruction in the United States* (1935). Já na década de 1930, Du Bois (1935) percebia que o privilégio branco dava evidências de seus movimentos, mesmo dentro de uma mesma categoria trabalhadora. Ele notou que o proletariado como grupo, que lutava por direitos em comum, se fragmentava quando considerava o fator raça. A classe operária branca se distanciava de

seus companheiros de trabalho negros, como forma de acessar vantagens não possíveis em um panorama de coletividade interracial. Nesse momento, o pacto da branquitude escancara aqueles/as que, mesmo em uma posição subalterna, possuem "o privilégio simbólico da brancura", o que de acordo, com Bento (2002, p. 27), "não é pouca coisa".

Du Bois mostra-se, então, um expressivo intelectual das relações raciais, com produções que destacam, sobretudo, as dinâmicas adotadas pela branquitude. Não é surpreendente, portanto, que o conto *O cometa* apresente fortemente tais desdobramentos. Por mais que a narrativa exponha a condição da pessoa negra frente ao racismo, é evidente que a obra destina a maior parte de suas provocações a como a identidade racial branca se articula e reage em diferentes contextos. Com o foco girando em torno de duas figuras principais, Jim e Julia, representando, respectivamente, o negro e a branquitude, o intelectual recorre a relações micro para estimular o pensamento macro. Buscamos, assim, reunir passagens do enredo pertinentes para a discussão sobre branquitude.

### **3.0 JIM E JULIA: A RELAÇÃO DE PODER E A SUBALTERNIDADE ENTRE OS CORPOS**

Como estava quieta a rua! Nenhuma alma viva e, no entanto, era meio-dia. Wall Street? Broadway? Ele [Jim] olhou de cima a baixo quase sem controle, depois para o outro lado da rua e, enquanto olhava, um sentimento de horror doentio congelou-lhe os membros. Com um grito engasgado do mais absoluto pavor, ele se apoiou de forma brusca na fachada do prédio gélido enquanto encarava impotente a cena. No grande portal de pedra, uma centena de homens, mulheres e crianças jaziam esmagados, retorcidos e prensados, metidos à força naquela passagem, feito restos em uma lixeira - como se, em uma arremetida frenética e selvagem em busca de segurança, tivessem se precipitado diretamente para a morte (DU BOIS, 2021, p. 16-17).

A passagem do cometa pela cidade de Nova Iorque simbolizou um evento de grandes transformações. Mesmo com o não impacto, o momento se destacou por seu caráter altamente modificador. Nos instantes pós-chegada da rocha, as estruturas e paisagens naturais permaneceram intactas. Por outro lado, as bases sociais racistas foram atingidas em seu principal ponto de manutenção: a coletividade branca. Momentos antes do evento cósmico responsável pela morte da maior parte da população, Jim, como um homem negro, é submetido a mais uma, das recorrentes tarefas subalternas: adentrar o cofre subterrâneo do banco

onde trabalhava. O que não se esperava era a coincidência dos fatos, que resultou na sobrevivência do personagem, dada sua posição de proteção abaixo do solo. Após sair do local, Jim se dá conta do cataclisma. Mesmo atônito em meio ao caos, ele evoca a percepção de si mesmo à margem da antiga sociedade racista, que o excluía dos espaços destinados à brancos/as:

Lutando contra a náusea, tomou uma bandeja de mãos defuntas e apressou-se para a rua, onde comeu vorazmente, escondendo-se para não ser visto.  
"Ontem eles não teriam me servido", murmurou, enquanto se forçava a comer (DU BOIS, 2021, p. 19).

Há de se pensar o que a passagem do cometa realmente afetou. Sem dúvidas, não foram os prédios, as contas bancárias ou os livros, mas o cenário social, palco das ideias racistas. Por sorte da branquitude, não só a jovem Júlia resistiu, mas também o seu contraponto, Jim, que se tornou o receptáculo para as projeções dos pecados, medos e vergonhas incapazes de serem assumidos pela identidade branca. Havendo com quem se comparar, sobrevive o racismo.

Em meio ao caos, perceber a presença humana, além da sua, pode causar conforto. Entretanto, estar a sós com o não igual, o desconhecido, é ameaçador. A degeneração de uma raça que foi culturalmente ensinada a você como inferior, provoca medo. Ao mesmo tempo que o diferente é depreciado, ele também é temido. Sua moral duvidosa, bem como suas ações delinquentes, seu apetite sexual, criam uma imagem ideal de perigo. Para Julia, estar sozinha com uma figura dessas seria um cenário de terror:

Pela primeira vez ela pareceu se dar conta de que estava sozinha no mundo com um estranho, com algo mais que um estranho - um pária por seu sangue e sua cultura - desconhecido, talvez indecifrável.  
Era terrível! Ela precisava escapar - precisava fugir. Ele não deveria vê-la novamente. Quem saberia, que pensamentos horríveis... (DU BOIS, 2021, p.28).

O medo causado na mulher ultrapassa o sentido da autoproteção física. Ele vai além: é uma resposta que diz respeito ao risco das condições de manutenção de poder da branquitude serem afetadas. O horror nesse sentido provém de uma possível nova relação entre um negro e uma branca, na qual os preconceitos poderão ser desfeitos e os lugares de dominação destituídos. Julia tentou escapar, abrigar-se, mas naquelas condições era impossível que permanecesse viva sem a companhia de Jim:

Pela primeira vez ela pareceu se dar conta de que estava sozinha no mundo com um estranho, com algo mais que um estranho – um pária por seu sangue e sua cultura – desconhecido, talvez indecifrável. Era terrível! Ela precisava escapar – precisava fugir. Ele não deveria vê-la novamente (DU BOIS, 2021, p. 28).

Nas aparentes circunstâncias apocalípticas, Julia conteve em si toda existência e sobrevivência da branquitude. Sem a presença de um igual para validar e fortalecer as relações de dominação racial, questionamentos desviantes da norma até então infectaram o imaginário da personagem. O novo contexto, deslocando-a de sua irmandade social, permitiu que as cartilhas de conduta e pactos raciais que recaiam sobre a individualidade de uma mulher branca pudessem ser repensados. Mesmo com a resistência em manter os padrões de comportamentos racistas, Julia resistiu apenas no primeiro encontro com Jim, externalizando ali sua superioridade racial, constituída artificialmente.

Apesar das bases consolidadas em seu interior, a solidão identitária da jovem abriu campo para que antigos estigmas fossem reconsiderados. O olhar sobre o outro ultrapassou a hegemonia de características atribuídas à população negra. Jim, naquele contexto, poderia ser desejado como homem:

“Olhou para o microfone. Ela nunca tinha olhado tão de perto para um. Era largo e preto, marcado pelo uso; inerte; morto; quase sarcástico em suas curvas insensíveis. Parecia – ela repeliu o pensamento – mas parecia...” (DU BOIS, 2021, p. 27).

Ele até mesmo poderia ser aproximado a algum grau de humanidade, que não lhe era permitido antes da chegada do cometa:

Ela o olhava. Parecia muito humano – muito próximo agora.  
“Você teve que trabalhar duro?”, ela perguntou com suavidade.  
“Sempre”, ele disse.  
“Eu sempre fui à toa”, ela disse. “Era rica”.  
“Eu era pobre”, ele quase ecoou.  
“A rica e o pobre unidos”, ela começou, e ele concluiu:  
“O senhor é o criador de todos”.  
“Sim”, ela disse devagar, “e como nossas distinções humanas parecem tolas agora”, encarando a grande cidade morta que se estendia abaixo, nadando em sombras apagadas.  
“Sim. Ontem, eu não era humano”, ele disse.  
Ela olhou para ele. “E o seu povo não era o meu”, disse, “mas hoje...”, fez uma pausa. Ele era um homem, nada mais. Mas, em um sentido mais amplo, era um cavalheiro. Sensível, gentil, nobre, tudo nele salvo as mãos e o rosto (DU BOIS, 2021, p. 34).

Se o externo é constantemente moldado para ser validado pelas concepções do olhar do ser branco, a própria branquitude forja sua autoestima

exacerbada. O ímpeto pela superioridade cria ambiente mental favorável para que Julia eleve sua existência ao patamar divino:

Ela mal percebeu. Uma visão do mundo surgira diante dela. Lentamente, a poderosa profecia de seu destino a dominou por completo. Acima do passado morto pairava o Anjo da Anunciação. Ela não era uma mera mulher. Não era nem alta nem baixa, nem branca, nem preta, nem rica nem pobre. Ela era a mulher primal; mãe poderosa de todos os homens do porvir e a Noiva da Vida (DU BOIS, 2021, p. 35).

Para Jim, o momento significou o alcance, nunca antes experimentado, da humanidade. Aquele corpo negro cercado por reproduções e vivências condicionantes à baixa autoestima galgou mais um degrau da evolução. Ele pôde, mesmo que por um instante, apreciar sua existência e o legado trazido por sua ancestralidade, sua potencialidade foi revivida:

De dentro de sua classe indigna, destruída e servil, irrompeu a majestade única de reis há muito mortos. Ele ascendeu das sombras, alto, ereto e austero, com poder em seus olhos e cetros espectrais pairando ao seu alcance. Era como se algum poderoso faraó vivesse novamente, ou um líder assírio de cabelos crespos (DU BOIS, 2021, p. 36-37).

O personagem entra em uma contemplação de si, que o reintroduz na perspectiva de sujeito ativo na sociedade. Fugindo da particular autopercepção sentida pelo homem negro, a agora “Eva contemporânea” entende que o lugar desse corpo não é apenas na humanidade, mas ao seu lado no processo de repovoamento do planeta Terra:

Ela olhou para o homem ao seu lado e esqueceu tudo o mais, exceto sua masculinidade, sua forte e vigorosa masculinidade – seu pesar e sacrifício. Ela o viu glorificado. Ele não era mais uma coisa à parte, uma criatura inferior, um pária, um estrangeiro, de outro sangue, mas a encarnação do Irmão Humanidade, Filho de Deus e o Pai-Total da raça futura (DU BOIS, 2021, p. 35).

O inadmissível passa a ser aceitável e desejado em um curto prazo de tempo. A partir desse contexto, pode-se aparentar que Julia, sozinha, sem a sua coletividade branca, não conseguiu perpetuar as condutas trazidas pelo pacto da branquitude. Logo, o antigo sistema racista vigente não teria resistido à passagem do cometa. Entretanto, o otimismo das sugestões anteriores não é suficiente para mascarar os reais interesses na volatilidade e mutabilidade nos ideais da branquitude. A aparente superação do preconceito racial internalizado por Julia na verdade manifestou os mecanismos de sobrevivência do racismo.

Em um cenário apocalíptico, Jim pôde servir como reprodutor. Destaca-se aqui a palavra “servir”, que não deixou de existir no novo contexto. A ideia de divindade e reconstituição da raça humana partiu de Julia, que passou a ver o corpo negro como útil em seus anseios, mesmo que para isso ele tivesse que ser ascendido. O próprio desejo proibido, despertado pelas comparações entre um microfone e um falo, demonstra como o corpo negro ainda permaneceu vítima da sexualização, desumanização e objetificação. Ou seja, os violentos ideais raciais continuaram guiando a forma que Julia percebia o diferente e se comportava perante a ele.

Mesmo com mudanças drásticas da realidade social, a branquitude resistiu e se moldou para atender suas ambições. A posição de superioridade e decisão da realidade não foi destituída de Julia, que reproduziu seus estigmas e posicionou-se como se estivesse em sua antiga vivência. As mudanças de concepções seguiram a linha do conveniente e demonstraram como o racismo se articula para sobreviver. No cenário fictício proposto por Du Bois (2021), o cometa não foi capaz de acabar com a branquitude e muito menos com a reprodução do racismo.

Isso fica mais evidente quando o pai da jovem os encontra e, então, percebe-se que somente a população de Nova Iorque foi atingida. Com a chegada do grupo de pessoas brancas, imediatamente todo o contexto de opressão racial retornou, como era de costume. Não que com Julia essa lógica não fosse reproduzida, ela vigorava, mas de acordo com as novas circunstâncias. Sem esse empecilho, a branquitude pôde reviver com potência:

[...]  
"Um crioulo? Onde ele está? Vamos linchar o maldito..."  
"Cala boca! Ele é um cara decente. Salvou ela"  
"O diabo que salvou! Ele não tinha nada que..."  
[...]  
(DU BOIS, 2021, p. 40).

Para os brancos racistas, a cor da pele parecia trazer consigo determinantes intimamente ligados com a conduta moral. Na passagem acima, Jim (o "crioulo") é "perdoado" de sofrer um linchamento, visto que salvou a vida de uma mulher branca. Questiona-se, então: o final seria o mesmo se fosse uma mulher negra? Haveria alguém em sua defesa, ressaltando a atitude que o elevou, naquele momento, em um patamar de decência? Para um segundo

personagem (provavelmente branco), nem mesmo a atitude nobre de Jim seria o suficiente para inocentá-lo do grande crime cometido por ele: ser negro. Essa passagem remonta, assim como na realidade estadunidense dos séculos XIX-XX, a facilidade de ocorrência dos linchamentos, frequentemente mobilizados sob pretextos infundados.

Jim era novamente entregue à condição de subalternidade racial e salarial diante da branquitude e, novamente, via descer sobre seu corpo os pesados grilhões da colonização. Todavia, nas palavras finais do conto, Du Bois (2021) nos atenta que, mesmo em meio ao cenário perverso de dispositivos de controle e manipulação utilizados pela branquitude, somente à comunidade negra seria capaz de se atribuir humanidade. Isso é evidenciado quando uma mulher chama pelo nome de Jim, um gesto que evoca no personagem não só sua atenção, mas seu reconhecimento como homem e pai de um bebê. A reciprocidade horizontalizada somente foi possível por alguém como ele, uma pessoa negra, que, por isso, via-o sem as lentes borradas da branquitude, retirando-o de sua perplexidade:

O homem de cor não ouvia. Ficou em silêncio sob a luz rutilante, encolhendo-se ao mirar fixamente o dinheiro em uma das mãos. Devagar, ele colocou a outra mão no bolso, tirou uma touca de bebê feita de um tecido delicado e encarou-a. Uma mulher subiu na plataforma e olhou em volta protegendo a vista da luz. Ela era negra, miúda, exausta da lida, e em um dos braços carregava o cadáver de um bebê negro. A multidão se apartou e seus olhos pousaram no homem de cor. Com um grito ela cambaleou em direção a ele.

"Jim!"

Ele se virou e, soluçando de alegria, envolveu-a nos braços (DU BOIS, 2021, p. 41).

#### 4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa distópica construída por Du Bois (2021), situada em um cenário de destruição cósmica, adentra campos que poderiam passar despercebidos por outros autores. Para muito além da temática apocalíptica utilizada como metáfora, *O Cometa* não só explicita o funcionamento das violências raciais, mas também marca fortemente a capacidade de adaptação do racismo vinculado à branquitude, que persiste, mesmo diante de um colapso social. Nesse contexto, a obra revela que, assim como as violências raciais foram remodeladas para atender à situação específica de Jim e Julia, os mecanismos

de perpetuação dos privilégios brancos são continuamente reformulados para se ajustar às novas dinâmicas sociais.

Mesmo em um cenário de aparente igualdade, em que ambos se veem dependentes um do outro para sobreviver, a hierarquia racial permanece evidente. Jim é tolerado e, em certos momentos, até humanizado, mas apenas enquanto sua utilidade se mantém para Julia. Nesse sentido, a narrativa expõe como os privilégios raciais se ajustam para garantir a continuidade das relações desiguais, ainda que sob uma falsa aparência de igualdade, uma maneira que a branquitude encontra para reproduzir suas estruturas de poder.

Essa capacidade de adaptação é também observada em sociedades contemporâneas, onde práticas racistas não necessariamente desaparecem, mas assumem formas mais sutis e dissimuladas. Celebrações pontuais de diversidade e representações simbólicas que não alteram os espaços de poder são exemplos de estratégias que mascaram a permanência da supremacia branca. Essas ações, muitas vezes apresentadas como progressistas, controladas pela branquitude, disfarçam o domínio e a subalternização de corpos negros, perpetuando ideais de servidão sob uma nova roupagem.

Se considerarmos que, para Julia, a humanidade de Jim nunca existiu de forma verdadeira, o reconhecimento momentâneo de sua existência como sujeito humano é condicionado à utilidade que ele representa em um cenário extremo. Ainda que em situações de vida ou morte, Jim permanece objetificado, servindo aos interesses e necessidades da personagem. Esse tratamento revela que, para a branquitude, a humanidade é um privilégio a ser concedido e retirado conforme conveniências sociais, sendo mantido apenas quando fortalece as estruturas de poder. Desse modo, Du Bois (2021) expõe em sua narrativa a forma como a branquitude detém o controle sobre o que é considerado humano, forjando uma realidade que é aceita coletivamente e reproduzida em diferentes esferas sociais. Nesse sentido, identificar a resistência e mutabilidade do racismo é o primeiro passo para imaginar futuros que não estejam presos às amarras coloniais e aos insistentes ideais racistas associados à população negra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. 256 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BERMÚDEZ, Ángel. **A história brutal e quase esquecida da era de linchamentos de negros nos EUA**. BBC News Brasil, 26 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43915363>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco antirracista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 607–630, 2010. Disponível em: <https://scielo.org.co/pdf/rlcs/v8n1/v8n1a28.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

DU BOIS, W.E.B. **O cometa: + O fim da supremacia branca**. São Paulo: Fósforo, 2021.

DU BOIS, W. E. B. **O negro da Filadélfia: Um estudo social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

---

#### ***Davi Barbosa de Jesus***

Mestrando em educação (UFES), especialista em Ciências da Natureza, suas tecnologias e o mundo do trabalho (UFPI) e licenciado em Ciências Biológicas (UFES). Além disso, atua como pesquisador no LitERÊtura - grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias (<https://literetura.wordpress.com/>).

#### **Currículo Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/0596972029129524>

---

---

#### ***Hiasmim da Silva do Espírito Santo***

Sou graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História na mesma instituição. Meu percurso acadêmico tem sido marcado pela paixão por investigar áreas como o Capitalismo Tardio, Anticolonialismo, Pós-Colonialismo e abordagens relacionadas à construção social do sujeito, especialmente no estudo da psique humana, com foco especial em autores como Frantz Fanon.

**Currículo Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/6223067377250873>

---

---

**Débora Cristina de Araújo**

Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Graduada em Letras - Português/Inglês (2003) pela Universidade do Estado do Paraná, Campus de Paranavaí. Professora de Educação das Relações Étnico-Raciais no Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. É professora permanente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), ambos da Ufes. Coordena o grupo registrado no DGP/CNPq "LitERÊtura - Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias". É associada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) e à Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Participou da "Práticas Pedagógicas de Trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/03", coordenada por Nilma Lino Gomes, bem como das pesquisas "Educação e Relações Étnico-Raciais: o Estado da Arte" e "Discurso e relações raciais", coordenadas por Paulo Vinicius Baptista da Silva. Coordenou o Projeto de "Pesquisa Aplicada LitERÊtura: formação em literatura infantil e juvenil com

temática da cultura africana e afro-brasileira", realizado pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert). Realiza pesquisas nas áreas de literatura infantil e juvenil; educação e relações étnico-raciais; educação e diversidade; práticas pedagógicas; Análise Crítica do Discurso.

**Currículo Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/3089785123426262>

---